

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DO RIO DE JANEIRO

Aline dell'Orto Carvalho
Bolsista PIBIC
Novembro de 2007.

Os *lugares de memória*, tal como propôs Pierre Nora, devem preencher três condições, já apresentadas pela professora Margarida de Souza Neves na introdução desta página a respeito de *lugares de memória* da medicina no Brasil. Esses sentidos tanto delimitam alguns parâmetros para a classificação de um objeto histórico como *lugar de memória* quanto levantam algumas questões, propostas também na introdução pela professora Margarida, a respeito dos agentes sociais e de suas vivências e intenções com relação ao lugar de memória proposto. O lugar que será analisado neste artigo é a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Instituição indispensável a boa parte das cidades e vilas coloniais brasileiras, as Santas Casas de Misericórdia tiveram importância significativa na História da Saúde no Brasil. A sua função foi, desde o princípio, a de atendimento de pacientes, ao contrário de outras instituições médicas, tais como as Academias, nas quais a função principal era a de comemorar os feitos dos médicos.

A primeira Santa Casa de Misericórdia, em São Paulo, foi fundada devido à urgência de um hospital para a internação dos moradores da Vila que não tinham boa condição financeira ou daqueles recém-chegados ao Brasil. A Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro data de 24 de março de 1582, e acredita-se que tenha sido inaugurada com grande apoio do Padre Anchieta. Ela é composta, atualmente, de diversos hospitais, que compõem o seu espaço físico e traduzem, na materialidade de suas construções, sua história. São eles:

- **Hospital Nossa Senhora das Dores**, fundado em 1884 para abrigar doentes tísicos, ou seja, com tuberculose, que deviam ficar separados dos demais. Foi transferido para uma Chácara em Cascadura devido à falta de espaço na sua localização original, na Praia Vermelha.

- Na intenção de melhorar o estado sanitário da capital, Dom Pedro II mandou que fossem construídos dois cemitérios afastados da cidade. E, para isso, no material exigido para entrar na concorrência pública para definir quem faria a obra, deveriam ser também projetados três hospitais para atender às vítimas de pestes. Foi aí que, em 1853, foi comprada uma casa de saúde no morro da Gamboa, que viria a ser o **Hospital Nossa Senhora da Saúde**.

- O **Hospital São Zacharias** era um dos edifícios localizados no alto do morro do Castelo. Depois do desmonte, com os 500 contos de réis que receberam de indenização e verbas de outras fontes, levantaram um novo prédio em Botafogo, ao lado do Túnel Novo. O Hospital era, inicialmente, destinado ao atendimento infantil.

- Por fim, o **Hospital Nossa Senhora do Socorro**, especializado em geriatria e que foi criado a partir da antiga Enfermaria Nossa Senhora do Socorro. Foi fundado em 1855 e localizado no Caju.

- O **Hospital Geral** é a unidade do Centro da cidade e é a unidade onde fica a administração geral da instituição.

O Hospital Geral da Santa Casa, por iniciativa de seu Provedor José Clemente, que presidiu a instituição de 1838 a 1854, mudou-se para a Rua Santa Luzia, o endereço da

sua sede até hoje. O edifício, apesar de grande, é discreto e integrado com o local onde está, com cores neutras e pouco chamativas. A sua fachada chama pouco a atenção de quem passa justo por ter cores neutras, no entanto, quem preste mais atenção percebe que no seu frontão estão desenhadas figuras representativas das instituições que conformam a Santa Casa: a medicina e a Igreja Católica. Do lado esquerdo, elementos emblemáticos da cúria papal, representativos da presença de ordens religiosas ali naquele local tanto quanto do próprio nome do Hospital. Do lado direito, há símbolos da medicina, como um crânio, livros, ervas medicinais e, especialmente, o tempo, contra o qual os médicos travam uma batalha na tarefa de salvar vidas. No entanto, essas duas instituições, presentes no mesmo frontão do Hospital Central, são mediadas por uma figura neutra, uma mulher que salva, física e espiritualmente, figura emblemática da Misericórdia e que deixa ver que união entre medicina e Igreja não é incontestável.



Imagem 1 - o frontão do pórtico

A Santa Casa de Misericórdia não foi fundada com a intenção de ser um lugar para guardar memórias, como outras instituições cuja função é impedir que a medicina caia no esquecimento. No entanto, com o passar do tempo, essa função lhe foi sendo gradualmente atribuída. Quando isso aconteceu, ela passou a revelar os fatores de identificação interna da medicina (a cura), da religião (a caridade) e da doença (a exclusão, a piedade, a iminência da morte), todas as três esferas presentes naquela instituição; e a expressar o projeto de consagração da medicina, visível no frontão do prédio, nos quadros dos médicos nas paredes de suas salas e corredores mais solenes e no próprio exercício da medicina. Esses três elementos, juntos, relacionam, como é próprio da memória, as esferas do individual e do coletivo.

Na época da construção do Hospital Geral, a Rua Santa Luzia não era tão movimentada e nem tinha a quantidade de edifícios que tem hoje, fatores que valorizavam a sua fachada e a sua posição. Hoje, a rua parece estreita em meio a tantos carros, camelôs, árvores e letreiros e não é fácil ter uma visão global do edifício. Assim, as imagens de impacto outrora colocadas na fachada do prédio não causam mais hoje o efeito que deviam causar nos transeuntes das ruas do Centro da cidade em outros tempos. No entanto, devemos lembrar que, nas palavras da professora Margarida de Souza Neves, o *lugar de memória* solda a memória da sociedade, ele reconstrói aquele possível vazio que nos reste preencher para consolidar a nossa memória coletiva. Assim, a Santa Casa, mesmo que hoje escondida, tem um lugar muito importante na memória de diversos grupos sociais que fazem parte da sociedade carioca.



Imagem 2 – Hospital Geral
- 1908.



Imagem 3 – Hospital Geral
– foto atual.

O Hospital Geral foi construído para atender em suas enfermarias, ambulatórios e consultórios a um público de até três mil pacientes por mês, portanto, uma boa parcela da população carente da cidade na época. Com as paredes de azulejos portugueses desenhados, os corredores têm grandes janelas que arejam o interior do edifício, o que dificultava que aquele ambiente hospitalar parecesse insalubre. No entanto, nos dias de hoje, a pintura descascada e os azulejos quebrados cumprem essa função. Nas partes do Hospital que não são de atendimento, como as escadas que levam ao andar da provedoria ou o hall de entrada, há enormes retratos de ex-provedores e médicos importantes pelas paredes, se fazendo lembrar àqueles que já conhecem suas obras e se fazendo conhecer por aqueles que nunca antes de então haviam ouvido seus nomes.

Há diversas possibilidades de memórias construídas a respeito do Hospital Geral da Santa Casa. Os pacientes da época da construção do edifício, que caminhavam por corredores arejados e bem decorados; os pacientes de hoje, que ao saírem de seus quartos ou das enfermarias, se deparam com infiltrações e azulejos quebrados; até mesmo há uma distinção entre as memórias dos pacientes das enfermarias e daquelas dos pacientes dos quartos. Os médicos remunerados e os médicos voluntários têm memórias distintas, que diferem ainda daquela dos médicos que inauguraram as salas de consulta ou de cirurgia do então novo edifício. Outra memória completamente diferente é a daqueles homens que não eram ou são médicos e que, portanto, transitam pelos corredores da administração, sem passar por entre os leitos dos doentes. Não há, portanto, um *lugar de memória* quando se pensa na Santa Casa, mas o que se encontra é um *lugar de memórias*, diversas memórias.



Imagem 4 – Corredor do Hospital Geral nos dias atuais.



Imagem 5 – Quadros de antigos provedores, no hall da escadaria.

Escondida da maioria dos visitantes, a Santa Casa abriga ainda hoje, bem conservada, a Capela Imperial, que, no século XIX, era um lugar destinado às devoções do monarca, de sua família e da corte.



Imagem 6 – A Capela Imperial.



Imagem 7 – abóbada da Capela Imperial.

Hoje, a Santa Casa abriga também, em seu subsolo, um Museu da Farmácia, que vem somar-se às muitas memórias que ali se abrigam.



Imagens 8 e 9 - Museu da Farmácia

A Santa Casa de Misericórdia foi uma das grandes responsáveis pela assistência gratuita oferecida aos carentes de cuidados médicos, como, por exemplo, os soldados rasos. Os Governos Imperial e Provincial não ajudavam a manter diretamente a Santa Casa, porém lhe concediam isenção de impostos, selos e ainda lhe davam o direito de criar uma loteria, cuja renda ajudava nas despesas dos hospitais. Assim, ao longo do século XIX e no início do XX, a Santa Casa vivia basicamente de doações de caridade à Irmandade da Misericórdia. E esses doadores viam ali o cumprimento do seu dever cristão da caridade. Atualmente, ela é mantida por verbas do SUS, por doações da iniciativa privada e parcerias com convênios particulares de saúde. A verba que recebe do SUS foi motivo de desconfiança e de auditoria para a investigação sobre desvio de dinheiro em agosto de 2007. Dahas Zarur, atual provedor da Santa Casa, na abertura ao *site* da instituição, e reclama da escassa assistência financeira fornecida pelos governos federal, estadual e municipal.

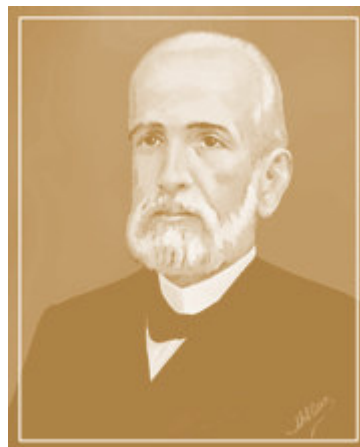


Imagem 10 – José Paulino Soares de Souza II – provedor da

Santa Casa quando da proclamação da República- 1889.

Desde a Santa Casa de Lisboa, anterior às do Brasil, na qual essas se espelharam, a Irmandade da Misericórdia tem “Compromissos” a seguir, que são deveres dos religiosos baseados nas “obras de Misericórdia”. Alguns desses compromissos eram espirituais: *"ensinar os ignorantes, dar bom conselho, punir os transgressores com compreensão, consolar os infelizes, perdoar as injúrias recebidas, suportar as deficiências do próximo, orar a Deus pelos vivos e pelos mortos"*. Outros supunham uma intervenção mais ativa na história: *"resgatar cativos e visitar prisioneiros, tratar os doentes, vestir os nus, alimentar os famintos, dar de beber aos sedentos, abrigar os viajantes e os pobres e sepultar os mortos"* (Apud www.coc.fiocruz.br/observatoriohistoria/verbetes/stcasari.pdf) Portanto, a função para a qual foi criada era a de ajudar os doentes e carentes segundo as Obras de Misericórdia. No entanto, assumiu, além disso, ao longo do tempo, uma função de consagração da medicina, das suas ações e do bem que fazia para sociedade.

Seguindo esses “Compromissos”, a Santa Casa tinha, perante o Governo, um comprometimento com o cuidado dos presos que fossem muito necessitados de ajuda e que passassem por algum problema de saúde. Para isso, recebiam apoio financeiro do Estado. O auxílio oferecido aos presos só era autorizado após a comprovação do estado de abandono e necessidade do preso. A assistência consistia em doação de alimentos e roupas, assistência médica e jurídica além de confissão e enterro daqueles que eram condenados à morte.



Imagens 11 e 12 – Portão de ferro da Santa Casa: união da Igreja com o Estado.



Imagem 13 – Alegoria em gesso do teto do Salão nobre, representando a Caridade protegendo os necessitados de ajuda.

O setor médico da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro ficava a cargo dos profissionais da área. A administração da instituição sempre esteve ligada à Irmandade da Misericórdia. A provedoria sempre coube a homens da política, homens influentes. No período do vice-reinado, por exemplo, os vice-reis ocupavam o cargo de provedores da Santa Casa. Esses homens contratavam irmãs de caridade para cuidar da direção, dos serviços oferecidos pela Santa Casa e para serem responsáveis também pelo cuidado direto dos doentes. Ainda hoje, poucos são os membros do setor administrativo da Santa Casa que exercem a profissão de médicos, boa parte é formada por advogados, militares de altos cargos e engenheiros.

Estavam sob administração da Santa Casa, além dos hospitais acima mencionados, o Hospício de Pedro II, o Recolhimento de Órfãos, a Roda dos Expostos e quatro consultórios gratuitos, além do serviço de enterros. O dado de maior interesse para a pesquisa sobre a história social da epilepsia é o fato da Santa Casa ter sido responsável pelo Hospício de Pedro II, inaugurado em 1852 e anexado à instituição até 1890, já sob o regime republicano. O Hospício foi considerado pioneiro no tratamento terapêutico dos que, então, eram chamados de alienados. Diz-se que tratavam os internos com mais cuidado do que os outros hospícios abertos até então. Por ter sido inaugurado sob a monarquia, regime político intimamente ligado à Igreja Católica, a sua administração ficou sob responsabilidade da Santa Casa. Mas, com o advento da República, as duas instituições foram desvinculadas uma da outra, e o Hospício passou a se chamar Hospital Nacional de Alienados. Quando deixou de estar sob administração da Irmandade da Misericórdia, o Hospício passou a ser responsabilidade da administração pública.

Quando da inauguração do Hospício de Pedro II, a psiquiatria ainda não tinha se afirmado como campo científico. Assim, a área da medicina que ficou incumbida dos cuidados dos internos foi a medicina legal. Segundo Vera Portocarrero, os ideais do alienismo francês, que tinham sido a chave da construção do Hospício, começam a desaparecer e a dar lugar a uma nova política de ordenação da sociedade que seguia os passos de Juliano Moreira, médico brasileiro que defendia a criação de colônias para os epiléticos e para os doentes mentais, o que nunca se concretizou no Brasil. Uma lei de assistência ao alienado de 1903 também colaborou para essa mudança de visão.



Imagem 14 – Hospício de Pedro II. Fotogravura de Victor Frond- 1852

A instituição foi importante para o ensino da medicina no Rio de Janeiro. A Faculdade de Medicina ficou instalada em suas dependências enquanto não tinha um prédio exclusivo para ela, entre 1856 e 1918. Além de ser local, até hoje, de prática de residência médica para recém-formados e de ter convênios com cursos de especialização de várias instituições de ensino, tais como a PUC-Rio e a Fundação Técnico-Educacional Souza Marques.



Imagem 15 – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Praia Vermelha – 1918.

Bibliografia:

NEVES, Margarida de Souza. **Lugares de memória da medicina no Brasil**. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/frame.htm>

http://www.santacasarj.org.br/pal_curriculo.htm Acesso em 02/09/2007 .

VENÂNCIO, Ana Teresa A. História do saber psiquiátrico no Brasil: ciência e assistência em debate. IN *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol.10, n.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2003. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000300016
>. Acesso em: 03 set. 2007.

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. **Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Posse do Professor Dahas Chade Zarur**. Rio de Janeiro, 7 de abril de 1994. (ANM) IN <http://www.coc.fiocruz.br/observatoriohistoria/verbetes/stcasarj.pdf>

<http://openlink.br.inter.net/santacasa/> Acesso em 28/07/2007.

<http://www.marcellio.com/rio/enceesca.html> Acesso em 02/09/2007.

<http://www.almacarioca.com.br/hist09.htm> Acesso em 02/09/2007.

<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/08/26/297437441.asp> Acesso em 02/09/2007.

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/stcasarj.htm#estrutura> Acesso em 02/09/2007.

Ilustrações:

Imagem 2: Disponível em <http://www.coc.fiocruz.br/psi/galeria.htm> Acesso em 02/09/2007.

Imagem 3: Disponível em <http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/santacasa/sc6096b.jpg> Acesso em 02/09/2007.

Imagem 10: Disponível em http://www.senado.gov.br/sf/senadores/presidentes/p_imp_Segundo_Visconde_do_Uruguai.asp Acesso em 02/09/2007.

Imagem 14: Disponível em <http://www.coc.fiocruz.br/psi/galeria.htm>. Acesso em 02/09/2007.

Imagem 15: Disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/imagens/escancimerj.jpg> Acesso em 02/09/2007 às 19:08.

As demais imagens pertencem ao acervo da pesquisa.